

MARTINHO BRUNING: A REVITALIZAÇÃO DO HAICAI

LAURO JUNKES

Em 1980, fui procurado por um senhor, já não mais pertencente à faixa etária da adolescência ou da mocidade, com seus arroubos, suas instabilidades ou ousadias. Trazia-me esse senhor uma grossa pasta de escritos, solicitando minha leitura e apreciação desse acervo poético, produzido ao longo de uma vida quase sexagenária. Seu nome, naquele momento, nada me dizia. Como eu andasse inventariando a criação poética em Santa Catarina, aceitei a incumbência.

A leitura daquele volumoso e denso conjunto de poemas foi despertando gradativamente minha atenção e entusiasmo. E redigi um prefácio para **O mesmo canto natural & outros poemas**, livro que constituiu a estréia poética do blumenauense Martinho Bruning. Hoje, sinto orgulho por ter merecido tal distinção, pois aquela foi certamente uma das mais gratificantes surpresas de toda minha atividade de crítico literário. Assisti ao nascimento de um poeta autêntico. Participei da árdua batalha do escritor para romper a barreira do silêncio e revelar ao público sua alma lírica, codificada no poema.

Martinho Bruning nasceu em Tubarão, a 10 de janeiro de 1921. Formou-se em Filosofia, pela PUC de Porto Alegre. Exerceu as atividades de revisor, professor, funcionário público. Há muitos anos está radicado em Blumenau, onde participa de diversas entidades culturais, como Teatro Carlos Gomes, Fundação Casa Dr. Blumenau, Conselho Municipal de Cultura.

Só em 1980, praticamente sexagenário, resolveu iniciar a publicação de sua criação poética, escrita ao longo de muitos anos. Estreou com o livro **O mesmo canto natural & outros poemas**. Seguiram-se, anualmente, sucessivos volumes, consagrando em definitivo um novo poeta na primeira linha dos líricos catarinenses: **Folha e flor do campo** (haicais, 1981), **Novos poemas & outros haikais** (1982), **Meditações quase poemas** (1983), **Um tempo para o coração** (1984), **A flor e o cosmos** (1985), **Haikais escolhidos** (1985) e **Micropoemas** (1986).

À margem das atividades profissionais, ao longo dos anos, tomou corpo todo um itinerário lírico, que Bruning, com sábia prudência, não teve pressa em publicar, mas deixou amadurecer. Consciente e sereno da segurança atingida, está agora partilhando com o público seu permanente canto de amor à natureza, à vida, ao homem e a Deus. A trajetória de amadurecimento poético desenvolveu-se lentamente, abeberando-se em fontes filológicas - sobretudo nas insuperáveis origens gregas (Heráclito, Platão); em fontes místico-religiosas - a influência bíblica, o pensamento de Cristo e, especialmente, a filosofia religiosomística oriental (Buda, Zen); e no vasto manancial dos poetas - quer na ressonância romântica (Gonçalves Dias), parnasiana (Raimundo Corrêa) ou simbolista (Cruz e Sousa), respectivamente na entusiástica admiração pela natureza, no misticismo e na musicalidade, na segurança formal e no equilíbrio temático. Mas destaca-se sempre mais a assimilação da poética modernista - a elevação do tema banal, cotidiano e real a foros de poeticidade, à semelhança de um Drummond de Andrade ou de um Manuel Bandeira, e a força da sensibilidade simbólica de um R.M. Rilke, de um R. Tagore, de um Fernando Pessoa.

Seu denso volume de estréia abrange duas partes. "O mesmo canto natural" compreende poemas da fase mais antiga do poeta. Predomina ali, em absoluto, o canto da natureza, a busca do verdadeiro e autêntico real, o constante apelo à integração com o telúrico ambiental, a revivência e ressensibilização pelos elementos espontâneos de que a natureza nos cerca: o dia, a noite, a lua, a chuva, o mar, a flor, a árvore e a valorização lírica de elementos apoéticos, como: o cavalo, (ode ao) chuchu, (ode ao) abacaxi, a insistente recorrência do canto do galo. Há

poemas muito longos, como o fascinante "Passeio", que descortina a natureza do corriqueiro, não visto na lida rotineira, mas agora poetizado. Mesmo incomodando certa mentalidade modernista, esses poemas nos desvelam a beleza espontânea e gratuita, não desvirtuada ou poluída pelo apossamento pragmático, e nos fazem sentir a necessidade do homem libertar-se do mundo mecanizado e massificado, para penetrar de novo e viver na sua autenticidade o universo natural, calmo, sereno, equilibrado.

A segunda parte - "Outros poemas" - constitui produção mais recente, revelando maiores tendências modernistas, tanto na temática abordada, como também na versificação livre, embora permaneça um bom número de sonetos decassílabos, de metrificacão perfeita. Podemos distinguir vários conjuntos temáticos: os poemas de amor, aqueles sobre cidades, os "momentos musicais", a série "claro-escuro", que desvela o íntimo do poeta e aborda a condição do ser humano, as "seqüências", em que aflora a problemática atual do fluxo constante do tempo, dos ciclos do evoluir e estar no mundo, da massificação, da vertiginosa corrida desenvolvimentista, da transformação ecológica. Há poemas constituídos de seqüências de "flashes" existenciais ou de pensamentos curtos, quase provérbios, repletos de sugerências reflexivas: "A fidelidade das coisas / é a surpresa de cada manhã" - "Quando a noite fria vier / acenderemos uma fogueira na serra" - "De cordeiro e lobo / cada um tem um pouco".

O poema de Bruning revela, a par da emoção e do sentimento espontâneos, amadurecido equilíbrio formal e de conteúdo. Transparece constante substrato filosófico, que induz ao pensar, ao meditar. Longe da imatura e apressada agitação do adolescente, estamos diante de poemas adultos, maduros, de sentimento calmo e equilibrado, de ritmo lento, grave e solene, envolvendo uma sadia contemplação do mundo, um racional perquirir da condição humana, um constante aprofundar do pensamento reflexivo.

A imagística da linguagem, sobretudo as metáforas e comparações, buscam o elo que une o homem à natureza. A forma evidencia consciente elaboração, revelando-se particularmente expressiva na construção de parataxe nominal, na valorização do infinitivo, na exploração das camadas fônico-sintáticas - atra-

vês de rimas finais e internas ("na manhã de Pã" - "teme tre-
me" - "cai o balão de São João"), de imagens acústicas ("Em fun-
da furna / noturna" - "Em langues movimentos longos"), de ali-
terações ignificativas ("Árvore - barco, vela verde ao vento
largo" - "Leve ao alvor de leite e lua" - "Seren o ser / si-
lêncio, sossego imenso.../ sono e sonho ser"), de jogos de de-
sestruturação e combinação de palavras ("Amo ver-te / verde ver-
de" - (a flor) "a sorrir, a flo-rir"), de hábeis trocadilhos
("Primeiro as ilusões no jardim da juventude, / depois a juven-
tude no jardim das ilusões"), das freqüentes insistências ana-
fóricas (ver "Ondas", "Verde canto", "O silêncio", "Viva a di-
ferença"...), da valorização da pausa métrica, não só pelo "en-
jambement" ou cavalgamento, mas até pelo corte do verso ("Encan-
to / melan- / colia" - "Quero o ver- / de nos olhos" - "Com /
pom- / pa, / com / esplen- / dor"). O poeta o é de palavras e
de idéias.

Assim Martinho Bruning venceu, depois de longos anos, a
barreira do silêncio e iniciou a revelação de sua criação poé-
tica e, através dela, sua cosmovisão sadia, realista e otimis-
ta. E se foi lenta a gestação do poema, gradativo o seu amadu-
recimento, também sua leitura exige tempo e disponibilidade, a
fim de que o leitor possa contemplá-lo sem precipitação nem
pragmatismo e chegar à verdadeira empatia, à mesma intuição
individualizadora e desveladora do poeta.

* * * * *

Com seu segundo livro - **Folha e flor do campo** - começou a
projetar-se a preferência de Bruning pelo cultivo da forma di-
fícil e sintética do haicai.

O haicai é uma pequena composição poética, verdadeira obra
de arte na sua síntese, originária do Japão, onde começou a ser
cultivada pelo século XII, atingindo a plenitude pelo século
XVII, com o mestre Matsuo Bashô. O haicai, na sua forma concisa
e fixa, consta de apenas três versos, um de 5, outro de 7 e o
último novamente de 5 sílabas, somando ao todo apenas 17 síla-
bas métricas. A temática central que aborda é constituída pelas
estações do ano, descrição de um momento ou cena da natureza,
uma paisagem, um estado emocional. É composição adequada à ten-

dência oriental para a condensação sentenciosa, que procura a maior simplicidade possível, objetivando a humanização da natureza e a correspondente naturalização do ser - daí ser avesso a tratar qualquer temática de violência. Na poesia ocidental, o haicai penetrou a partir do Simbolismo, principalmente devido ao seu saliente aspecto metafórico. Poucos autores o cultivaram no Brasil, destacando-se entre eles sobretudo Guilherme de Almeida, que, inclusive, procedeu à adaptação da forma. Originalmente, o haicai não era rimado, mas G. de Almeida passou a rimar os finais do primeiro e terceiro versos e a cultivar rima interna no segundo verso, como no exemplo intitulado "Infância":

"Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se "Agora"."

Martinho Bruning, que já revelou a serenidade madura de sua alma sensível no conjunto de poemas do livro de estréia, volta agora com poemas curtos que correspondem a pensamentos e máximas, de tendência lírico-filosófica, cujo enunciado breve e conciso sugere uma infinita abertura à reflexão ou à sensação. Se o poeta é um ser sensível, um desvelador do real, este livro confirma um poeta, pela constante e profunda ressensibilização do ser tecnológico diante da natureza. Inclusive vários poemas ressaltam a preferência do natural sobre o artificial, como:

"Abandono o livro:
sobre a mesa a borboleta
abre e fecha as asas."

Esses haicais são "flashes" existenciais, vitais, naturais, captados com muita fineza de sensibilidade e aptos a redespertar o leitor para a mesma vivência sensível. E essa síntese habilidosa sem dúvida é mais difícil de ser obtida do que a espraçada divagação em longos poemas. Observe-se a síntese ecológica seguinte:

"A cidade cresce,
selva de ferro e cimento.
Essas pobres árvores..."

O tema ecológico aqui está ressaltado. E se a forma haicai

prefere a temática da natureza, Bruning é um canto convicto da natureza desde o seu primeiro livro. A natureza é a fonte essencial de inspiração desses haicais. Alguns deles, inclusive, poetizam com intensidade o que aparentemente seria banal demais:

"Terneiro que mama,
a vaca que lambe o bezerro:
o bezerro dela."

Observe-se a própria lição de vida que transpira desse quadro de uma serenidade naturalmente edênica. Ou então, o exemplo seguinte:

"Menino doente:
quanto afeto, que ternura
no olhar do seu cão."

É preciso não ter sucumbido ao automatismo e à massificação da tecnologia e manter a intuição suficientemente viva para perceber a sutileza expressivamente natural que decorre destes exemplos. A natureza é constante fonte, inspiração e mestra do próprio ser humano. Diante de sua naturalidade, a própria vaidade humana se dobra:

"Dizes que são tristes
os salgueiros. - Teus cabelos
como te envaidecem."

O equilíbrio, o amor, a admiração, a sensibilidade aguda do poeta diante da natureza e da vida transparecem constantemente, atestando a revelação calma e ponderada de quem amadureceu com segurança. Haverá, sem dúvida, aqueles "avançadíssimos" espíritos sofisticados e estruturalizados, que estarão "numa outra" e para quem serão medíocres ou ultrapassados poemas de uma naturalidade ingênua como:

"Menino faminto
a cenoura crua estala
a rijas dentadas."

O haikai, na sua forma sintética e sugestão metafórica, exige às vezes mais esforço do leitor que, a partir de poucos mas ricos dados, deverá participar da gestação do poema, deverá

criar o discurso analítico a partir da síntese sugestiva. Nesse sentido, livros como este não podem ser "devorados" em poucos minutos (embora materialmente seja possível lê-lo assim). Pelo contrário, cada pequeno poema é suficientemente rico para fornecer um pensamento que alimente a ação mental, sensível e espiritual diária. Reflita-se sobre este paralelo entre o ser humano e o inseto:

"Estou sô em casa.
Um grilo que canta alegre
minha solidão."

Evidentemente, muitos destes haicais foram criados dentro de circunstâncias ou vivências muito específicas do autor, de modo que nem todos os leitores terão condições de recriar em si toda a mesma gama de sensações. Sobretudo patenteia-se uma intensa e sadia vivência e convivência com a natureza, que motivou diversos poemas. Sem a mesma vivência, sem o mesmo amor pela natureza e por todos aqueles aspectos aparentemente banais do cotidiano, o poema sofrerá no seu alcance, por deficiência de condições mínimas para chegar-se à empatia indispensável à sua plena recepção. Entretanto, o particular é muito habilmente alçado à condição universal e a revivência do estado pessoal de alma do poeta torna-se facilmente possível por parte do leitor. Quem nunca viveu um momento semelhante para refazer agora em si mesmo a sensação de paz e tranqüilidade que o poeta logrou, através de uma reiteração vocabular como esta?:

"- Tarde calma, as árvores
- calmas: à espera que andemos
calmamente entre elas."

Na tentativa de enriquecer ao máximo a brevidade dessa forma fixa, o poeta busca os recursos da experimentação formalista, como:

"Serram o silêncio
os insetos serradores.
Serram - e consertam."

Algumas vezes o poema alcança a graça, a naturalidade e o humor que o tornam leve e sadio como uma brincadeira de criança:

"Fatia de melancia,
ou nova versão
de gaita de boca?..."

Estes poemas nos fazem reconhecer em Martinho Bruning um poeta que nos abre os olhos e a sensibilidade para os fatos mais comuns e banais do nosso convívio cotidiano, desfazendo em nós o embotamento que nos impede de perceber a sua beleza. E o poeta, através de uma expressão tão concisa, em nós desperta uma riqueza profunda de reflexões. Ele nos aproxima e harmoniza com nosso meio natural: a natureza.

* * * * *

O terceiro conjunto de poemas de Martinho Bruning - **Novos poemas & outros haikais** - continua a desafiar a sofisticada artificialidade do homem contemporâneo das selvas de concreto. Desprezando e depredando o natural e substituindo a harmonia natural por artificiais automatismos mecânicos, o civilizado homem tecnológico só desestrutura sua própria personalidade. Daí a terapêutica do poema natural e existencial de Bruning, captando e recolocando o universo natural diante da nossa sensibilidade.

Ainda neste volume, o melhor está no haikai. O haikai é o que poderíamos chamar de poema-pensamento, cuja riqueza na ampla gama de conotações, de valores metafóricos, de sugestões que encerra. Assim, praticamente todas as palavras da composição seguinte podem sugerir ampla diversidade de interpretações:

"Anoiteceu cedo,
não sabe a ave o caminho
de volta. Nem eu."

No haikai temos instantâneos colhidos no dia-a-dia, sempre sobre fundo essencialmente natural. O objetivo consiste em lançar uma idéia que desperte a reflexão, a meditação, a contemplação do leitor. E, creio que, através do haikai, penetrou no espírito do poeta Bruning grande influência da própria filosofia oriental: a serenidade, a superação da inquietude e da perturbação, o equilíbrio emocional, a natural atitude contemplativa, de profunda implicação intuitiva, capaz de perceber e desvelar aquelas filigranas ocultas na significação da natureza e da vida. A harmonia do ser consigo mesmo e com a natureza

e a sociedade que o cercam, tudo colocado numa síntese profundamente expressiva, eis o que marca os haicais deste poeta.

Esses poemas curtos e densos, é preciso lê-los sem pressa, com disponibilidade, com tempo para releituras, sem pressas de chegar ao final, mas com abertura para receber e contemplar a realidade desvelada e sugerida. Se o poema é curto, a sua síntese é densa. Penetrá-lo e receber sua riqueza de sugestões exige nossa intensa participação. Algumas sugestões podem servir de aperitivo para buscar o livro.

O poeta capta o bucolismo da natureza e a beleza da noite calma:

"Dos muitos ruídos
do dia - nem um mais. Só
o riacho na noite."

A visualidade plástica reforça a sensação que decorre do poema:

"Neva, a tarde toda...
Mais e mais aconchegadas,
as ovelhas brancas."

O experimentalismo formal reforça o poder sugestivo da palavra:

"A primeira f(r)esta
de luz - e a treva f(l)echada
vencida de novo."

E o otimismo é tônica fundamental do poeta em harmonia:

"O dia é tão amplo
e é tão pleno - não cantar
desagrada aos deuses."

Eis uma simples exemplificação inicial. A tendência seria transcrever todos os poemas, pois todos encerram elementos ricos de sentimento e reflexão.

* * * * *

Nos livros seguintes - **Meditações quase poemas** e **Um tempo para o coração** - intensifica-se mais o tom filosófico e o caráter reflexivo-contemplativo dos poemas de Bruning. De livro a

livro, esse poeta consolida sua vivência lírica, sua visão sadia e equilibrada do universo e do homem, sua serena segurança perante a existência. Sem sombra de dúvida, estamos diante de um poeta-filósofo. Um poeta que tem o que comunicar, que não necessita de extravagâncias ou formalismos mirabolantes, pois toda a sabedoria de uma existência vivida com sentido denso e maduro brota de sua palavra. Claro que é um poeta preocupado com a palavra, com o que a palavra pode comunicar e com o que ela pode falsear. Martinho tem consciência de que a palavra pode ser plena - o Verbo, mas pode também ser vazia, oca, pura ressonância; que a palavra pertence ao nosso mundo material, contingente e limitado, mas que ao mesmo tempo ela é meio capaz de sugerir a transcendência, a plenitude do Além. E o poeta, através da palavra, busca corporificar uma visão do Todo, da integridade da Vida, sentida na plenitude da liberdade de ser e não apenas de (a)parecer.

Do poema de Bruning decorre a clara noção do ser finito perante o infinito; da sensibilidade dos sentidos ao material, ao lado da abertura da alma ao espiritual. "Longe da suntuosa mediocridade", restitui-nos o poeta a visão serena e sólida do homem ponderado e maduro; resgata o mundo original, primitivo e puro, não maculado pelas deturpações irracionais do único ser racional deste mundo; retorna constantemente às sensações primárias, aos elementos primitivos e originários dos filósofos gregos, à visão simples e quase infantil da realidade, buscando em tudo o equilíbrio da autêntica sabedoria de vida.

Seus poemas breves são a síntese da sabedoria. Dessa sabedoria verdadeira, ponderada, sem extremismos, que não se coloca acima de tudo e de todos, mas que reconhece o lugar e a vez de cada elemento. Sabedoria realista, que desmistifica a grandeza, a força e os projetos ilusórios do homem tecnológico ganancioso. Sabedoria que reage contra o tempo avassalador, contra a massificação desenfreada que subtrai o sentido dos seres e dos gestos, para recolocar cada coisa "em seu tempo e lugar", e apreender novamente a beleza na sua própria fugacidade breve da vida, vivendo a todo instante o "momento eterno", tal como Cecília Meireles cantava feliz "porque o instante existe". Sabe-

doria que lê como tudo brota "do coração da Matéria", e tudo acontece "no momento certo", porque nós somos dotados de inteligência para contemplar "o espetáculo do mundo" e admirar "no universo a eterna criação".

Sabedoria que recupera a comunhão amiga com a natureza, que busca o silêncio e a harmoniosa música da natureza em oposição aos ruídos brutais da tecnologia. Aliás, a natureza é o elemento essencial que equilibra toda a cosmovisão de Martinho Bruning. Revalorizando a beleza singela das palmeiras, restituindo sentido ao "canto natural" do galo ou do grilo, desfazendo as deturpações do coice do cavalo, traçando um paralelismo entre a espontânea liberdade do cavalo e do vento, redescobrimo a beleza da violeta violentada à beira da estrada, experimentando a sede "da água da fonte pura", conscientizando-se da "minha relação íntima" com todas as coisas naturais, tornando a respirar "a cósmica energia vital" que recoloca nossa vida em comunhão com o universo e com a história, o poeta Martinho nos redimensiona no meio em que vivemos, redescobre-nos a arte de "Cuidar de suas plantas, / conversar com os animais", porque "nenhum gesto (de amor) ficará perdido", uma vez que na universal "comunhão mais dinâmica", só "o amor nos bastará", porque, "por Lei suprema, tudo é dom e graça". E o poeta, perante o ceticismo e a náusea das filosofias contemporâneas, recoloca-nos diante do espanto admirativo dos primeiros filósofos.

Influenciado pelas filosofias místicas dos orientais, pelo Zen-Budismo bem como pelo Evangelho de Jesus Cristo, Bruning desvela o dinamismo irresistível do homem no universo e seu indispensável equilíbrio; renega a corrupção a que ficou sujeita a palavra amor - "tão fácil dizer: "Amor"; toma consciência de que, para o poeta como para a criança, "tudo fala"; de que, através do efêmero concreto, o transcendente se diafaniza; de que, vivendo no "tempo", o homem constrói a "eternidade"; de que "Deus em tudo" está como também "tu em tudo". E por tudo isso, porque o amor existe; porque onde estamos é "o centro do mundo"; porque não pode haver solidão se tudo e todos no universo estão conosco; porque, se "a fuga sonora das horas" tudo dissolve, o tempo também tudo renova; "porque a paz é possí-

vel", o poeta tem inúmeros "motivos de louvor" ante a beleza infinita que nos cerca e que gratuitamente está colocada à nossa disposição, sem que nós muitas vezes tenhamos olhos para contemplá-la e coração para fruí-la.

Para Martinho Bruning, a poesia encontra-se em toda parte, ou melhor, a alma sensível desvenda poesia em todas as coisas - na gente simples, nos pequenos gestos da vida cotidiana, no espírito humano, nas faces espontâneas da natureza, no Cristo do Evangelho. Alma mística, espírito fraternal, experiente e lúcido participante da existência, sabe o poeta sentir e retratar, com desprendimento, a beleza que nos cerca, sem cair na alienação, bem como sem dela querer apossar-se egoísta e deletariamente.

O poeta Bruning, acima de tudo, é um ser livre, sereno e consciente, que descobriu o sentido autêntico da existência. E seu poema revela essa segurança interior e essa sensibilidade pura perante o mundo. Escrito em versos livres, sempre com grande poder de síntese, seu poema contém sempre a emoção refrescante, governada pela razão, mesmo quando retrata quadros e cenas existenciais. O haicai, essa forma nascida do espírito oriental e que magistralmente sintetiza o pensamento reflexivo, encontrou em Martinho um dos mais sérios cultores brasileiros. Em muitos poemas seus, cada estrofe constitui um haicai. Assim, a solidez espiritual, a reflexão filosófica e o sentimento vivo do mundo se manifestam sintética e contagiosamente em seu poema.

* * * * *

O sexto livro de Martinho Bruning - **A flor e o cosmos** - encerra um apreciável conjunto de poemas, na sua maioria curtos, sintéticos e densos de carga semântica sugestiva. O poeta é um ser que intui minúcias ou facetas do real, com sua refinada sensibilidade, e transmite de certa forma intacta essa argúcia perceptiva, exigindo do leitor uma recriação participativa. De modo geral, seus poemas revelam uma percepção bem mais profunda do que aquela dos nossos sentidos convencionais. Há constante transcendência da realidade primária, nas suas limitações de matéria finita, para entremostrear uma espécie de convivência

são admissível extra-sensorialmente, num alto senso místico e cósmico.

Isso talvez decorra da absorção e integração, por parte do autor, das filosofias místicas orientais (sobretudo do Zen-Budismo), entre as quais se destaca essencialmente a harmonização do homem consigo mesmo e com o cosmos, aquietando as angústias e os desejos, como transparece do "princípio Zen", do "recolhimento", do estado tranqüilo e sem "nenhum apego" que conduz à "Meditação profunda", ou então desse avançado estado de purificação e nirvana de "Último desejo: não desejar mais nada", tão oposto às neurotizantes inquietações insaciáveis do homem tecnológico, no qual "por enquanto não têm fim nossos desejos".

Nessa trilha da sabedoria-tranqüilidade interior, transparece uma profunda sinceridade do poeta para consigo mesmo. Sua poesia não representa a concepção de Fernando Pessoa, de que "o poeta é um fingidor", mas é poesia que busca a verdade, busca o sentido das coisas e dos seres. Mas, não raro, o poeta se defronta com as limitações da comunicação humana, pois nossas palavras são tão pequenas e restritas diante daquilo que nossa mente e mesmo nossa percepção sensorial são capazes de conceber. O poema "O tempo não conta" bem sugere como os conceitos humanos são limitados e incapazes de tudo avaliar:

"O tempo não conta:
a flor dura um dia
(e que longo foi seu caminho)
e as pedras duram sempre.

O volume comporta várias séries de poemas, em que o espírito intuitivo-reflexivo-filosófico do poeta melhor se exprime como nos vários "Diálogos" entre Mestre e discípulo, sempre muito orientados para a sutil sabedoria oriental, às vezes ambígua e misteriosa para a pragmatista "lucidez" ocidental; os seus vários "Estudos" com suas indagações filosóficas; as "Meditações", perscrutando os mistérios significativos do homem e do universo.

Uma constante na poética martineana é a valorização constante da música, com seu seguro valor catártico e tranqüilizador - seja a música dos mestres clássicos, uma "Tocata e fuga em ré

menor", um "Opus 135" ou uma "Sonata ao luar", sejam mesmo os "acordes dessa Sinfonia Cômica", sô perceptíveis aos espíritos aquietados e iniciados. Também se destaca nessa poética a valorização e mesmo a identificação com tudo o que é natural, simples, espontâneo. Assim, o poema "Da Arte e da Natureza" destaca apenas como "A Natureza fez a sua parte...", podendo-se inferir pessoalmente o que caberia à Arte. A harmonia dentro da natureza está magistralmente sintetizada nesse haikai:

"A chuva e o sol,
e os ipês todos em flor
ao sol e à chuva."

Já a deficiente integração entre homem e natureza, no ambiente tecnológico-urbano, é denunciada em outro haikai:

"Árvore da praça
- pessoas em grande número,
pássaro nem um."

Existem também freqüentes referências aos "ciclos" da natureza, em paralelo à existência do ser humano. Tudo segue num fluxo natural e irresistível, harmonioso e integrado - desde que a inteligência humana não perturbe essa harmonia do universo (como se pode constatar no poema-título).

Se na selva urbana de concreto, o homem se defronta com um autêntico "Apocalipse", se o homem experimenta a sensação de estar perdido e acabrunhado "dentro dum sistema / estranho e pequeno", se o homem depara com jogo ambíguo ante seu destino (i)mortal, se a criatura humana é capaz de vivenciar profundos paradoxos, a natureza em si é harmoniosa e transmite lições de sabedoria, quer nos seus "estratagemas" protecionistas, quer por exemplo na perfeita comunhão cômica da árvore, "em contato com o Universo todo", ao contrário das "inteligentes" ânsias agitadas do homem em seu "descompasso".

Esse fascínio da alma simples e pura do poeta para com a espontaneidade harmoniosa da natureza também se estende para o ser puro, simples e natural das "crianças", às quais está ligada a cativante ingenuidade da "aula"; crianças essas que não criam tão neurotizantes barreiras entre o real e o imaginário,

como mui candidamente expressa o poema "Noite de Natal":

"Noite calma, noite feliz;
as crianças sonham
coisas verdadeiras."

Ao contrário delas, no adulto sempre de novo se manifesta o atrativo irresistível e utópico pelo que existe "atrás do morro", pelo mundo além do horizonte, com seus mistérios e desafios, por aquele mundo que não é o aqui e o agora. Destaque-se ainda a ternura sólida experimentada e comprovada nos caminhos da vida, que encerra o poema "O Nome" ou que transparece de "Ubiquidade", ambos dedicados à esposa Julieta:

"Escrevo teu nome claro
no quadro negro da noite."

Os poemas de **A flor e o cosmos** vão-se desdobrando como um riquíssimo repositório de força poética. Seus poemas de versos curtos, cultivando a expressão elíptica, a frase nominal, carregam de conotações enriquecedoras a expressão por vezes tão singela como "Na biblioteca pública":

"Em um livro antigo
o amor-perfeito guardado."

Recursos estilísticos são explorados constantemente, como os efeitos paronímicos de traço/traça, a construção do poema em quiasmo, o aproveitamento dos valores antitéticos até em relação à função do próprio poema ("Um grande poema/é como o dia e a noite"), a contradição do silogismo filosófico e, sobretudo, o extraordinário poder conotativo da palavra, em transcender sua referência imediata. Assim se projeta ricamente sugestivo o poema natural, místico e filosófico, mas sempre humanista de Martinho Bruning.

* * * * *

O poema de MB caminha cada vez para maior concisão. Quanto menos palavras usa, mais se densifica seu conteúdo. Embora poesia se faça com palavras, e não com idéias, como queria Mallarmé, sempre os poetas reconheceram a insuficiência da palavra para a comunicação (veja-se a sempre falada "luta pela expressão", ou a específica luta com a palavra em Drummond). Bruning abre seu último livro com um poema/prefácio sobre a ineficiên-

cia da palavra: "As velhas palavras, / é preciso repeti-las!// Criar outras / novas.// E esquecer // todas." Mais para o final do livro, no poema "Tautologia", destaca as "redundantes palavras" e posiciona-se incisivamente: "De palavras - basta! / Pobres palavras, / vaidade, impropriedade..." Diante das limitações expressivas e comunicativas da palavra, MB reduz cada vez mais o uso da palavra, buscando essencialmente seu poder sugestivo, evocativo e metafórico.

Talvez seja essa uma das razões de sua sensível preferência pelo haikai, há muitos anos. Seu sétimo e penúltimo livro se constitui somente de **Hai-Kais Escolhidos**. E a contribuição de MB à literatura brasileira, na forma do haikai, não pode mais ser desconhecida a nível nacional, tendo-se ele projetado como um dos mais assíduos e profícuos cultores dessa síntese poética em nosso país.

Para tornar a comunicação de um pensamento ou enunciado completo viável a partir de um mínimo de palavras, o haikai exige do poeta um extraordinário poder de síntese, que só se obtém após assídua exercitação. O culto dessa forma requer mesmo toda uma assimilação do espírito oriental, originária que ela é do Japão medieval. Contrariamente ao dinamismo moderno, à estética futurista, ao agitado, nervoso e pragmático espírito ocidental, no haikai se intensifica mais o convívio com a natureza, para dela extrair a lição da aquietação dos desejos, a tranqüilidade, o equilíbrio. Por isso, segundo Eico Suzuki (**A Literatura Japonesa**), os temas centrais no haikai são "as estações do ano, a natureza, a paisagem, o sentimento".

Sempre na maior simplicidade possível, o haikai se volta para a natureza e para as realidades do cotidiano. E sabemos que a natureza constituiu sempre um convite à vivência e sensibilização líricas. Para essa focalização da natureza, contribuiu mesmo o aspecto religioso. A religião predominante no Japão, o Xintoísmo, consiste numa crença aborígene voltada para a veneração dos espíritos naturais. E a doutrina zen-budista influenciou essa forma poética a partir do seu grande mestre que foi Matsuo Bashô. No haikai japonês, esse convívio com a natureza chegou a formar ciclos, de acordo com as estações do ano. E tal

valorização da natureza conduz freqüentemente à figura retórica da prosopopéia - a personificação ou animização da natureza.

Na sua síntese de acentuado poder evocativo, o haikai nunca se esgota na sua denotação, mas sempre transcende a sua referência direta e "busca", segundo Massaud Moisés "alcançar o Reino da Sensação, das melodias jamais ouvidas, das peregrinas emoções desencadeadas pela comunhão, instantânea e fugaz, com a eternidade e a imortalidade" (**Dicionário de Termos Literários**). Por essa razão, exige do leitor lenta paciência, freio total à pressa, muita sensibilidade perceptiva e imaginativa, boa iniciação cultural e um decidido esforço para entrar na faixa da meditação. Como essa forma poética pouco declara mas muito sugere, cabe ao leitor recriar em si e concriar com o poeta a mesma emoção estética. Daí constituir o haikai até uma forma de terapia e reeducação do leitor massificado e automatizado da nossa agitada e consumista civilização.

Lendo esses minipoemas de MB, constata-se como do haikai emerge a antítese da vivência contemporânea: a calma, paz e harmonia da natureza, a interiorização, o antipragmatismo, a desmassificação, o desautomatismo, a fineza de percepção, a sensibilidade, a valorização da individualidade e do estado pessoal sobre a socialização e massificação, etc. Nota-se como nesses poemas é muito grande a sensação de movimento, mas movimento ordenado, equilibrado e interior, dentro da harmonia dinâmica do universo.

Por isso, estilisticamente, há uma grande preferência pelas frases nominais, sem presença de verbo ou com verbo não conjugado. Essa ausência verbal reduz a ação, o movimento e a agitação no sentido de pura exterioridade, para conduzir ao dinamismo interior, ao estado de reflexão, de meditação. Mas, como nada existe no intelecto que não tenha passado pelos sentidos, a função da sensorialidade é permanente nos haicais. Sobretudo a visualidade e a audição marcam grande parte dos poemas, embora os outros sentidos também entrem em função. Exemplifiquemos um pouco. O colorido plástico atrai a visualidade no haikai.

"Bia vai alegre,
sombrinha florida, e, em volta

quantos beija-flores!"

A habilidade na criação de ambiências une-se ao sentido auditivo no haikai:

"Dos muitos ruídos
do dia - nem um mais. Só
o riacho na noite."

A sugestão do sentido do tato também transparece, com suas conotações, em:

"Toco num rochedo:
Sensação de estar tocando
em antigos rostos."

Até mesmo alusão ao olfato existe:

"Perfume campestre,
do dia a pálpebra se abre:
beijam-nos na face."

Muitas vezes, a fineza intuitiva do poeta faz aflorar o humor, a descontração sadia, leve e até ingênua, em meio à singeleza do cotidiano:

"Menina a comer
sozinha. Com beterraba
pinta lábios, rosto."

Estilisticamente, a concisão do haikai de Bruning explora a expressividade da pontuação, sobretudo o caráter sugestivo das reticências, bem como a função de paralelismo, decorrência ou explicação que sugerem os dois pontos. Destaca-se também o recurso quase constante ao enjambement - a ligação lógico-sintática entre dois versos, como exemplificam as transcrições supra. Constata-se ainda que a alusão à natureza mui freqüentemente se coloca em paralelismo com a realidade humana, servindo aquela como comparação, analogia ou antítese para com esta. Além de exemplos dados, a animização contida no seguinte haikai estabelece tal paralelismo:

"Escutem... parece
que há uma voz humana
na voz do riacho..."

Portanto, na concisão do haikai encerra-se todo um univer-

so de sugestões para a reflexão ou contemplação do leitor. Em decorrência, essa forma poética exige leitura lenta, repetida, pausada e individualizadora, que proporcione gradativa familiarização com a harmonia profunda que emerge da cosmovisão de MB. Não tivesse esse poeta outros méritos, somente sua contribuição através do haikai já lhe conferiria um destaque nacional.

Entretanto, seu mais recente livro - **Micropoemas** abre outras perspectivas sobre a função do poema. E pergunto-me: Martinho Bruning é poeta blumenauense? Estadual? Nacional? Universal? Quais são as contingências que definem o destino de um poeta? Sim, porque o que há de mais universal, humanamente universal, profundamente transcendental, densamente místico-filosófico do que a poesia desse autor? Convenço-me, então, cada vez mais, que não só é inútil como quase impossível escrever explicativamente sobre a poesia de Bruning, como sobre toda verdadeira poesia. Ela é. Ela se comunica. Ela se basta. E pronto... é só recebê-la.

Mas, para receber com maior plenitude esses poemas cada vez mais curtos e sintéticos, é preciso readquirir um coração simples e uma intuição não distorcida, banir a sofisticação complicadora, voltar a ser criança e contemplar ingenuamente (isto é, autenticamente) cada coisa no seu lugar, no seu valor, na sua função. E não hierarquizar demais. E abater um pouco a nossa superioridade intelectualizante. Porque o poeta Bruning não se preocupa com a impressão que pode causar, com o que vão dele pensar, com os julgamentos a que está sujeito. Ele é, e nos seus poemas se desvela a si mesmo e a sua cosmovisão sincera, sem preocupar-se com as máscaras ou ilusões do aparecer.

Por isso, o que há de mais permanente e sólido em seu poema é a Vida e o Amor, o movimento dinâmico em busca da realização plena, a renovação incessante, a ânsia pelo novo. O caráter positivo, otimista e construtivo emerge de sua poética, como que a partir da lição da natureza, que sempre se renova nos seus ciclos. Daí a responsabilidade pessoal de cada um na construção do mundo, pois entre o "Bolo" de massa e o da vida, o paralelismo é evidente:

"Não há receita.
Os ingredientes da vida são bons,
mas as misturas que fazemos..."

Assim, na poesia de MB são constantes o paralelismo e a transposição simbólica que passam da natureza para o ser humano, destacando-se a sabedoria natural que, apesar da convivência milenar, vem sendo cada vez mais esquecida pelo homem. Com a natureza, "As Pessoas" têm muito a aprender:

"As pessoas não têm tempo,
estão ocupadas consigo mesmas...
Doces, doces
a um apelo divino,
os pássaros cantam..."

Decorre já deste exemplo a constante busca de transcendência, a valorização de um espiritualismo sólido, como base de tudo na vida do homem. Espiritualismo que se enraíza na busca de conciliação entre os opostos "Finito/infinito" ou "Tempo e Eternidade", ou na intertextualidade bíblica de "A ordem do milagre" ou de "Se Paulo já não existe", para densificar-se na sugestividade dessa síntese de "Sexta-feira santa":

"Sepultado na terra, o Grão germina..."

A tendência a superar, pelo espiritualismo transcendente, o pragmatismo materialista evidencia-se também na sensível afinidade do poeta para com as filosofias espiritualistas orientais, afinidade expressa em muitos termos-chaves, como: "Tao", "Zen", "Karma", "Yoga", "OM", "Mandala", que remetem de imediato ao orientalismo, aliás tão destacado pela própria psicologia de Jung. O poema "Zen II" encerra algo desse denso e tão diferente pensamento oriental:

"Tudo. Sem nada.
Sem uma palavra.
Sem um pensamento."

Partindo não raro de interrogações, de indagações sobre o sentido das coisas e dos acontecimentos, numa busca conscientizadora, a poesia de MB nos conduz quase que necessariamente à reflexão, à mentalização, orientando-se para a harmonia interior, a aquietação das pressas agitadoras, dos desejos insa-

ciáveis, das ambições desenfreadas. Mesmo assim, coerente com as limitações da nossa natureza, essa poesia retrata a nós, seres humanos, paradoxalmente como "saciados sempre - e sempre sedentos, / insaciáveis". O mesmo paradoxo se insinua nos poemas intitulados "Coisas pequenas, e grandes", que evidenciam como as coisas pequenas são grandes. Na linha das coisas pequenas, simples e puras, retorna sempre a referência às crianças, com sua sabedoria pura, sem implicações e sem questionamentos estêreos, pois elas são e não precisam fingir: "Todos / representamos, / menos as crianças, / que não se chamam pessoas."

Por vezes, o poema de Bruning constitui simplesmente um convite para a contemplação da plasticidade do puro quadro que delinea, como em "Movimento no jardim":

"Na flor entreaberta
a borboleta - abrindo
e fechando as pétalas."

Muitas outras vezes, o poema-síntese é apenas uma sugestão para nossa reflexão amplificadora. E outras vezes ainda a exigência de participação é explícita, quando a nós cabe "completar" os versos de "milhões de pessoas estão...", ou então, quando o poeta apenas indica os temas de "Alguns poemas não escritos" e que a nós cabe desenvolver.

Enfim, podemos concluir que, se não estamos diante de uma poesia de direto engajamento social, certamente esta não é uma poesia alienada nem alienante. Trata-se, antes, de uma poesia voltada para o homem integral, nas suas múltiplas dimensões. Procuram esses poemas despertar o homem para seu caminho interior, íntimo e pessoal, para a atividade conscientizadora do homem adulto, maduro e ponderado, capaz de ver cada elemento no seu lugar, na sua função, no seu valor, dentro da harmonia do Todo. Nesse sentido, essa poesia é tanto filosófica quanto existencial, é tão mística como humana, refere-se ao estritamente pessoal e ao amplamente universal.

Nos poemas de MB, a palavra poética corporifica um universo denso e rico, embasado em sólida cultura clássica, humanística e filosófica, bem como em sadia, consciente e serena experiência vivencial. Ler essa poesia é contagiar-se com sua emoção

poética e enriquecer-se com suas lições de sabedoria de vida. Por isso, hoje, é impossível falar da poesia em Santa Catarina sem, de imediato, conferir destaque à criação lírico-filosófica de Martinho Bruning. Omiti-lo é confissão de ignorância. Bruning não teve pressa em levar ao público seus poemas. Preferiu amadurecê-los lenta e solitariamente. E sabemos que toda criação artística se desenvolve na solidão, para depois explodir na comunhão. Hoje Martinho tem sua posição poética solidificada. Nenhum estudo, nenhuma antologia, nenhuma exposição futura sobre literatura em Santa Catarina poderá deixar de conferir o devido destaque à obra madura desse poeta que, após estréia retardada, vem anualmente ampliando, não só em volume mas também em qualidade, o acervo denso e sensibilizador da expressão de sua experiência e visão do mundo através da palavra. Martinho Bruning é poeta - e isso basta.

